

## Conversações do VIII ENAPOL

### ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

#### 10. Maus garotos, crianças sozinhas

**Responsável NEL:** Liliana Bosia

**Participantes:** Fabiana Chirino (APEL-Santa Cruz), Eugenia Flórez (associada NEL-Medellín), Alejandra Hornos (miembro de la NEL, APEL- Santa Cruz), Cecilia Restrepo (associada NEL-Medellín), Susana Schaer (associada NEL-La Paz)

#### A modo de introdução

A primeira coisa que nos chamou a atenção ao ler o título da nossa pesquisa foi **a vírgula**. Veio à memória a famosa frase atribuída a Julio Cortázar, "A vírgula, essa porta giratória do pensamento" [citado por Casa Hispana, 2013], a partir da qual nós nos perguntamos sobre que valor dar a este título.

Sabemos pelo dicionário da Real Academia Espanhola, que a vírgula não só tem um valor de pausa, mas também um efeito de justapor. Neste sentido, a sua função gramatical é de unir dois ou mais elementos linguísticos adjacentes do mesmo nível de hierarquia, sem partículas intermediárias que se relacionam. [RAE, 2017, Vd.]

Miller concorda com a segunda função deste sinal ortográfico e no seu texto, *Um esforço de poesia* [2016, p. 249], afirma que a vírgula no título é um operador amável, uma vez que não interpõe senão que justapõe. Isto é, coloca uma coisa ao lado da outra sem interposição de qualquer nexos ou elemento de relação, ou que não desentona com nossa época.

O título nos convidou, como praticantes da psicanálise, a pensar sobre possíveis formas e invenções que recorreram algumas crianças e alguns bebês para fazer um lado com a época na qual impera o pseudo discurso do capitalismo. É época na qual os semblantes de outrora caíram e a solidão e o desamparo tornou-se mais evidente. "Crianças más, crianças solitárias", justapostas; como opções localizadas no mesmo nível hierárquico, a partir da vírgula - Poderiam elas constituir uma opção para os sujeitos da nossa época?

Neste contexto, nós nos perguntamos sobre os significantes " Crianças más" "crianças solitárias": Qual é o seu estatuto e funcionamento? Bem como a possibilidade de que eles cobrem o estatuto de modos de fazer com o mal-estar na civilização, com próprio gozo e a solidão estrutural. No caminho para dar uma resposta a estes questionamentos, começaremos por separar alguns destes significantes em nossa época e seu horizonte, perguntando-nos: Qual solidão e qual maldade se trata em relação aos assuntos de família?

### **Solidões: Com o que a solidão de cada pessoa é preenchida?**

A solidão tem sido objeto de reflexões e composições de muitos escritores, poetas e artistas, mas, o que queremos dizer quando dizemos solidão? Podemos responder que há a solidão com o Outro, com o semelhante, mas também sem o Outro. Seguindo a Ana Aromí [2015], podemos dizer que a solidão do neurótico, que implica ao Outro, oculta o acompanhado que está o sujeito pelo objeto do fantasma. Neste caso, o sujeito está sozinho, não obstante, acompanhado por seu sintoma ou seu fantasma, que é uma forma de responder ao real do fato da não-relação sexual. Mas, por outro lado, encontramos também uma forma de solidão ligada a um gozo autista, que não faz vínculo.

A época atual promove modos de gozo solitários ligados à circulação de objetos no mercado. Objetos que os sujeitos pretendem cobrir a falta em ser; renunciando assim o vínculo com o Outro, que envolve sempre um enigma, um conflito e um impasse. Hoje vemos muitas expressões dessa solidão, crianças pegadas aos gadgets (dispositivos eletrônicos) , prazeres solitários em ver, comer, fazer compras, etc. Estão hiper conectados, cheios de coisas e objetos, mas também cada vez mais solitários, poderia ser o axioma dos sujeitos hoje.

Portanto, diante de uma criança "solitária", é necessário situar, em sua singularidade, qual tipo de prazer ocorre, em um contexto no qual a oferta do mercado dificulta mais do que em outras épocas, situar qual tipo de solidão se trata.

### **Do mal, à maldade**

O mal habita na origem do laço social, efeito de um enredo pulsional para a satisfação do

sujeito. Freud nos advertia em seu texto de 1930 “O mal-estar na civilização”, que o humano não é um ser “amável” por causa da parcela de agressividade que vem juntamente com a pulsão, pelo qual considera, que uma civilização se constrói produto de submeter à agressão, à destruição e à crueldade próprias do ser humano. [Freud, 1930]

Com base nas concepções de Freud, Lacan faz suas próprias elaborações com relação à agressão e a pulsão no seu artigo “A agressão em psicanálise”. Miller se ocupa deste trabalho e ressalta que Lacan toma o conceito kleiniano de posição depressiva na qual o sujeito se identifica com um objeto mau interno. Destacando que Melanie Klein entendeu a estrutura paranóica do “eu” além da imagem do semelhante. Também ressalta, neste texto, o “extremo arcaísmo da subjetividade de um Kakon” [Miller, 2011: 136-137], indicando que além das identificações com a imagem do outro, haveria uma relação com um objeto mau inimaginável. Neste sentido, Silvia Elena Tendlarz nos recorda que Lacan usa o significante “Kakon” (do grego: mau, desgraça, dor), para citar o real do gozo em suas primeiras elaborações, quando ele ainda não tinha conceituado o real. [1988]

Quando Lacan começa a sistematizar sua teoria do simbólico, ele o faz desvalorizando a dimensão da pulsão que era central para a teoria freudiana. No entanto, como ressalta Eric Berenguer, no seu texto *Discurso e Vínculo Social* [2008] progressivamente e a partir das exigências da sua clínica, reconsidera o conceito do simbólico e inclui nela a pulsão. Assim, no Seminário V, ele argumenta que não tudo pode ser simbolizado, e, portanto algo fica como resto. A esse resto, que também funciona como o ponto de partida do desejo, Lacan chamou-o de gozo. [Berenguer, 2008]

Já no seu *Seminário 7* Lacan situa a pulsão como central. O princípio do prazer aparece como uma barreira diante do gozo e estabelece uma oposição entre a homeostase do prazer e os excessos constituintes do gozo. Situa o bem do lado do prazer, e o mal, do lado do gozo, sendo o sintoma a evidência do caráter estruturalmente desarmônico da relação com o gozo. É o seu sintoma, que o sujeito enuncia o que o gozo é mau. [Lora, 2016]

Neste mesmo seminário, Lacan acrescenta também uma consideração de ordem topológica: “o mais exterior chega a ser o mais interior, sendo que ao mesmo tempo conserva – isto é paradoxo – um caráter de exterioridade íntima, mas de exterioridade mínima” [citado por Miller, 2015: 48]. E, nesta mesma linha, Miller, em seu texto “Extimidad” diz que no mais íntimo do sujeito há algo desconhecido para ele, é desconhecido para ele ao mesmo tempo em que lhe concerne, é como um núcleo que lhe é inatingível e o nomeia de vacúolo de gozo. [2010]

Miller nos aporta uma precisão a mais sobre este tema, quando indica que o *Kakon* é um dos nomes do objeto como êxtima. O ser golpeado no exterior é o ser mais íntimo do sujeito, não se trata de uma projeção já que “o *Kakon* é o ser do sujeito identificado ao objeto como um gozo a mais” [citado por Tendlarz, 1988]. Portanto, se o objeto de gozo a mais, autoerótico, encarna o gozo como o mal, é somente através do laço social, na sua ação sobre o outro, que toma a forma de maldade ou crueldade.

Neste sentido, dizer maldade ou crueldade, é referir-se a uma forma de gozo. Modo que reduz ao Outro a outro, e, nesse sentido, à condição imaginária mais radical: "ou eu, ou o outro"; portanto, a uma condição de puro objeto. Servindo-se do conceito de *Kakon*, Lacan explica a passagem do mal para a maldade e do exercício da mesma para o outro e /ou também para si mesmo. [Citado por Tendlarz, 2004]

Em suma, a subjetividade do *Kakon*, o desenvolvimento do gozo no real e no objeto como um gozo a mais; são conceituações que dão suporte para pensar o mal, um *Kakon*, como algo estrutural no sujeito.

### **Crianças más, crianças solitárias: assuntos de família**

A família como instituição sofreu várias transformações como resultado das mudanças políticas, econômicas e sócio-históricas que foram desenvolvidas ao longo do tempo. Deste modo, o Outro social reinante influencia nas diferentes maneiras nas quais se conformam as famílias e os laços familiares.

Neste sentido, a psicanálise desde seus inícios revelou que não há nenhum laço "natural" entre mãe e filho ou pai e filho, senão relações históricas e historicistas, que constituem uma verdadeira matriz que marca a cada sujeito. Quando falamos de família estamos falando de uma complexa estrutura de relações simbólicas que muitas vezes transcendem os laços de sangue.

Para que as funções de mãe e pai sejam tal, é necessário mais do que gerar uma criança, é necessário que se opere uma atribuição subjetiva por parte dos pais, mas também é necessário que as crianças concordem com isto. De maneira que, seja qual for a forma que a família atual assuma e as funções que hoje a ela lhe cumpra assumir, para os psicanalistas o essencial na função da família é:

[...] a irredutibilidade de uma transmissão que é de uma ordem diferente da vida de acordo com a satisfação das necessidades, mas que leva consigo uma constituição subjetiva, o que implica a relação com um desejo que não seja anônimo. [Lacan, 2012: 393]

A transmissão que atua em uma família, é uma transmissão ligada à função do desejo, aquele que não seja nem anônimo nem universal, o qual requer estar encarnado em alguém particular, o que possibilitará a constituição de um novo sujeito. Desta forma, a função de uma família é a de transformar um organismo vivo em um sujeito humano, isto é, um sujeito do desejo, a partir de "dar-lhe um lugar simbólico, um laço de parentesco, uma posição nas gerações e uma identidade civil". [Spurrier, 2011]

A família, então, transmite algo da ordem da lei e do desejo (simbólico), mas também transmite algo da ordem do gozo, do mal e do *Kakon* (real), presente por estrutura no sujeito e os laços que ele tece com o outro. Com respeito a isso, Lacan, no seu Seminário *A Angústia*, retomando a Freud, ressalta que no simbólico há um real, simbólico, que se constitui em um buraco, ficando o real dentro do simbólico, mas não subjetivado [2007]. A isto Freud o denominou como o sinistro, aquilo familiar mas, no entanto, desconhecido, e que remite ao gozo próprio e irredutível impossível de tramitar pela via simbólica.

O sinistro, entendido como o maligno, nos leva a esse ponto de real no simbólico, o *Kakon*, também presente no interior dos assuntos familiares. Aspectos que, clinicamente, escutam-se no discurso dos sujeitos quando se referem a tramas familiares que envolvem algo da circulação de um gozo secreto, proibido ou transgressivo, em relação a um Outro. Então, situar na clínica o sintomático do mal, permitirá localizar a ponta do iceberg, para começar a desvendar algo do gozo próprio ligado aos laços familiares.

Hoje, época que o Outro não existe, como Miller qualificou [2005], chegam para consultas - cada vez mais, crianças e adolescentes, paradoxalmente, imersas em uma solidão cheia de objetos que a tecnologia põe no alcance das suas mãos, ou bem, ancorados em uma maldade que se torna impossível para fazer laços. Ambos os aspectos percebem a dificuldade desses sujeitos de - o que fazer com o gozo que os habita - mas também da dificuldade dos seus pais de transmitirem algo da ordem de um limite e um desejo, que lhes permita um registro simbólico e a possibilidade de tramitar algo deste gozo.

“Crianças más, crianças solitárias”, podem ser significantes com os que o Outro (familiar, escolar, social, etc.) qualifica as crianças e adolescentes que apresentam alguma dificuldade em manter um laço. Mas, por outro lado, trata-se de formas de gozo que não

podem ser reduzidas a categorias diagnósticas, nem a propostas educacionais, no entanto, percebem os aspectos constitutivos da condição do ser falante, como já situamos anteriormente.

Esses nomes de gozo podem articular-se prazer e comprometer a posição subjetiva das crianças e adolescentes, por exemplo: solitário, mau ; solitário e mau, ou, por mau, solitário. Esta articulação fixa um modo de gozar singular: isolamento, desinteresse pelo laço com o outro, sujeito às telas , agressão a um outro diferente, "bullying", etc.

Poderíamos pensar, a solidão, quando se manifesta na vertente do isolamento, e a maldade na sua dimensão de agressão ou ato; como respostas sintomáticas ao real do fato da não-relação sexual. Enquanto resposta, ambas as posições podem constituir-se, paradoxalmente, uma "correção" diante a falha estrutural, como uma maneira de fazer com o insuportável, e, possivelmente, dar-se um lugar em relação ao Outro.

No entanto, a outra cara desta correção é a segregação. Pois, se existem “crianças más”, haverá "crianças boas", distinção com a qual as instituições tentam deixar por fora o que é diferente. Miller em seu seminário *Extimidade*, disse que a segregação recai sobre a forma de gozar (diferente) do Outro, produzindo, por sua vez, a segregação do próprio sujeito. [2010]

Já na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, Lacan alertou a esse respeito: a segregação é “estritamente efeito do discurso da ciência, embora ele seja correlativo” [2012: 276, enquanto o discurso capitalista empurra à lógica do para todos, segregando a diferença e, portanto, não tolerando os modos de vida diferentes

Assim, a segregação é o produto da relação, entre o avanço da ciência e as suas consequências nas estruturas sociais por causa de seu progresso, o que a torna o amo moderno, que dispõe de um modo de ser e de produzir um tipo onde as particularidades de cada um e de seu grupo étnico e social desaparecem [Lacan, 2012]. Nas palavras Ana Rurth Najles, esta é outra maneira de dizer que o Outro não existe:

[...] interpretamos este caminho da segregação como perda do estatuto do ser falante, para cair no estado do objeto de manipulação por parte do mercado; objeto com um gozo a mais homologável a qualquer objeto produzido pela tecnologia. [Najles, 2000: 26]

Este estatuto do sujeito como objeto de gozo a mais, promovido pelo amo atual, levam-nos também a pensar na maneira como algumas famílias situam as crianças ou adolescentes,

como objetos sobre os quais recaem alguma maldade ou crueldade. Aspectos que a imprensa, tanto escrita como visual, mostra de maneira descarnada.

### **A aposta da psicanálise**

Neste contexto, pode-se pensar na maldade das crianças ou na solidão das crianças como sintomas relacionados ao discurso e ao olhar avaliativo do Outro, que determina - em funções baseadas em estândares comportamentais - o que é esperado, conveniente ou funcional para o laço entre os sujeitos.

A Psicanálise irá à outra direção, fará em contra-mão a este discurso, evidenciando - mais uma vez - ser seu oposto. Neste contexto, o analista oferece a sua presença para que o sujeito possa situar algo da solidão e do mal estrutural, sem cair no deserto ou desesperança. Enquanto o gozo possa ser delimitado em uma análise, haverá possibilidades de fazer um outro arranjo com o próprio gozo, talvez, mais amigável.

### **Bibliografía**

- Aromí, A., (2015) La soledad y la experiencia analítica: sus paradojas, sus *partenaires*. Entrevista para el boletín de las XXIV Jornadas Anuales de la EOL “Lo que dice y hace el psicoanálisis”. Recuperado en: <http://blog.elp.org.es/all/cat19/la-soledad-y-la-experiencia-analitica-sus-paradojas-sus-partenaires-anna-aromi/>
- Berenguer, E., (2008) *Discurso y vínculo social*. Bogotá, Colombia: Net Educativa, pp. 14-15.
- Casa Hispana, (2013) Recuperado en: <https://casahispanasfca.wordpress.com/2013/03/12/la-importancia-de-la-coma-por-julio-cortazar/>
- Diccionario de la Real Academia Española. Recuperado en: <http://dle.rae.es/?id=9sIscNy|9sIyM38|9sJpnVo>
- Freud, S., (1930) El malestar en la cultura (apartado V). *Obras completas*. Tomo XXI. Buenos Aires: Buenos Aires. 1992, pp. 105-112.
- Lacan, J., Del cosmos al *Unheimlichkeit*. *El seminario, libro 10. La angustia*. Buenos Aires: Paidós. 2007.
- Lacan, J., Nota sobre el niño. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 393.
- Lacan, J., Alocución sobre las psicosis del niño. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 382
- Lacan, J., Proposición del 9 de octubre. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 276.

- Lacan, J., La agresividad en psicoanálisis. *Escritos*. Buenos Aires: Siglo veintiuno. 2013.
- Lora, M. E., (Marzo 2016) Un Real, el Horror y la Crueldad en la época actual. *Ajayu*, 14 (1).
- Miller, J.-A., *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós. 2005.
- Miller, J.-A., Racismo. *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós. 2010.
- Miller, J.-A., La asunción de la muerte. *Donc. La lógica de la cura*. Buenos Aires: Paidós. 2011, pp. 136-137.
- Miller, J.-A., *Seminarios en Caracas y Bogotá*. Buenos Aires: Paidós. 2015, p. 48.
- Miller, J.-A., *Un esfuerzo de poesía*. Buenos Aires: Paidós. 2016, p. 249
- Najles, A. R., *El niño globalizado, segregación y violencia*. ACFB, Bolivia: Plural Editores. 2000, p. 26.
- Spurrier, P., El psicoanálisis, la familia y la educación. Revista *Varieté*. Nel México. Septiembre 2001. Recuperado en: [www.nel-mexico.org>variete>edicion](http://www.nel-mexico.org>variete>edicion)
- Tendlarz, S. E., Acerca del Kakon. Revista *Malentendido* N° 3. 1998, pp. 21-23. Recuperado en: <http://www.silviaelenatendlarz.com/index.php?file=Articulos/Experiencia-analitica/Acerca-del-Kakon.html>
- Tendlarz, S. E., Asesinato en una Escuela. 2004. Recuperado en: <http://www.silviaelenatendlarz.com/index.php?file=Articulos/Experiencia-analitica/Acerca-del-Kakon.html>